



PADRÕES ENTOACIONAIS NA AQUISIÇÃO DO INGLÊS COM LÍNGUA ESTRANGEIRA E A INFLUÊNCIA DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Luan Roney Alves dos Santos; Leônidas José da Silva Jr.

Universidade Estadual da Paraíba – roneyluan@outlook.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo mostrar a análise de processos entoacionais na aquisição do inglês como língua estrangeira (LE) e apontar as influências da língua materna (LM). A metodologia do presente trabalho consistiu na coleta de dados a partir de informantes nativos de língua inglesa e informantes brasileiros estudantes de língua inglesa como LE. Após análise acústica, constatamos que existe diferença entre os padrões entoacionais pela forte influência da língua materna, Transferência Fonológica (TF), o aporte teórico desta pesquisa está embasado nos padrões entoacionais de acordo com Ladeforged & Disner (2012), Guedes & Ramos (2009), Crystal (2006), Cagliari (2002), Halliday (1970).

Palavras-chave: Interferência Fonológica. Língua Estrangeira. Entonação

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem início com a análise de padrões entoacionais da língua inglesa com uma interface da análise de padrões entoacionais do português brasileiro (PB), iremos levar em consideração aspectos fonéticos e fonológicos de cada língua e as suas funções.

O objetivo deste trabalho é esclarecer ambiguidades sobre a interferência fonológica nos padrões entoacionais do PB e os padrões entoacionais do inglês como LE (ILE) pelo meio do contorno do *pitch* referente a cada um deles, bem como, a busca de ferramentas para uma aproximação do padrão entoacional da língua inglesa procurando uma distanciação fonético-fonológica do português do Brasil.

2. APORTE TEÓRICO

Esta pesquisa tem como base teórica Crystal (2006) que defende que entoação não é simplesmente o conjunto de contornos e níveis, mas o conjunto de todas as interações dos elementos prosódicos, como F0, acento e ritmo, e é através da interação deste conjunto que é transmitido a informação e o significado do enunciado do falante para o ouvinte.

O termo entoação refere-se a alterações na fala que “correspondem a modulações da frequência fundamental (medida em Hertz), da intensidade (medida em decibéis-dB) e da duração (medida em milissegundos - ms)” (MADUREIRA, 1999, p. 55). A frequência fundamental (F0),



termo que designa o número de repetições de ciclos de uma onda sonora, é considerada, no entanto, o parâmetro acústico mais importante da entoação.

Por sua vez Cagliari (2008) ao abordar os estudos fonéticos, recentemente, define que a principal preocupação da fonética está voltada para descrição dos fatos físicos que caracterizam os sons da fala linguisticamente, por outro lado, é necessário definir a fonologia como parte integrante desta pesquisa e Cagliari (2008) enfatiza que a fonologia procura interpretar os resultados obtidos através da descrição fonética dos sons da fala, isto é, mostrar que a fonética é absolutamente descritiva deixando a interpretação ao encargo da fonologia.

Foram abordadas ainda questões acerca de análise acústica feita por Pierrehumbert (1980) onde é enfatizado alguns modelos tonais através de análises dos contornos entoacionais é importante para verificar o efeito da frase tonal em questões fonética contrapondo Halliday (1970) que defende a questão fonológica da entoação.

A partir dos estudos de Pike (1945) onde o foneticista relacionou os dois métodos, tanto o auditivo quanto o acústico e afirmou que o resultado das análises de percepção auditiva e acústica era diferente para qualquer observador casual, este mostra que as análises acústicas são mais precisas devido à grande quantidade de medições e testes estatísticos, ao contrário da análise auditiva que trabalha com unidades menos objetivas à partir de oitiva.

Seguindo esta linha onde o teórico aponta que ambos os métodos tem seu lado positivo e seu lado negativo, salienta que análises auditivas não são tão eficientes quanto às análises acústicas no tocante à descrição e medição das características das ondas sonoras, no entanto, nenhum pesquisador consegue afirmar que a partir das análises físicas o que as ondas sonoras significam linguisticamente, então é através da união destes dois métodos de análises, concernente a entoação toda palavra ou sílaba apresenta uma variação melódica durante a pronúncia, pois não existe sentença sem esta variação o que faz com que nenhuma língua possa ser considerada monotônica.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa está sendo desenvolvida através da coleta de dados de informantes brasileiros e americanos. A coleta dos dados dos informantes brasileiros foram realizadas no laboratório de línguas da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III em Guarabira-PB. Foram submetidos a esta coleta duas informante do sexo feminino estudantes do curso de Letras-Inglês com conhecimentos avançados da língua inglesa. Para os informantes americanos, a coleta foi feita na



Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias situada na cidade de Guarabira-PB.

A ferramenta utilizada para esta coleta de áudio foi um gravador *Panasonic RR – US300*.

Posto isto, os dados foram tratados acusticamente no programa computacional *PRAAT* versão 5.4.06 disponível gratuitamente em <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>. O *Corpus* da pesquisa foi constituído por frases declarativas, negativas e interrogativas.

Analisamos a curva de pitch da frase interrogativa ‘*What colour is that car ?*’, e logo após foi analisada a curva de pitch da sentença de caráter afirmativa “*I think it is pink.*”

Em seguida, plotamos as imagens do sinal de voz, espectrogramas e etiquetagem.

Verificamos as alterações tonais ao longo das sentenças analisadas. Por conseguinte, fizemos uma análise comparativa entre as curvas de pitch extraídas quanto dos informantes brasileiros quanto dos informantes nativos americanos.

4. RESULTADOS

Os resultados aqui apresentados são produtos de uma análise espectrográfica e por estarem em andamento são apenas resultados parciais, o que pode vir a sofrer algumas alterações ao longo da pesquisa.

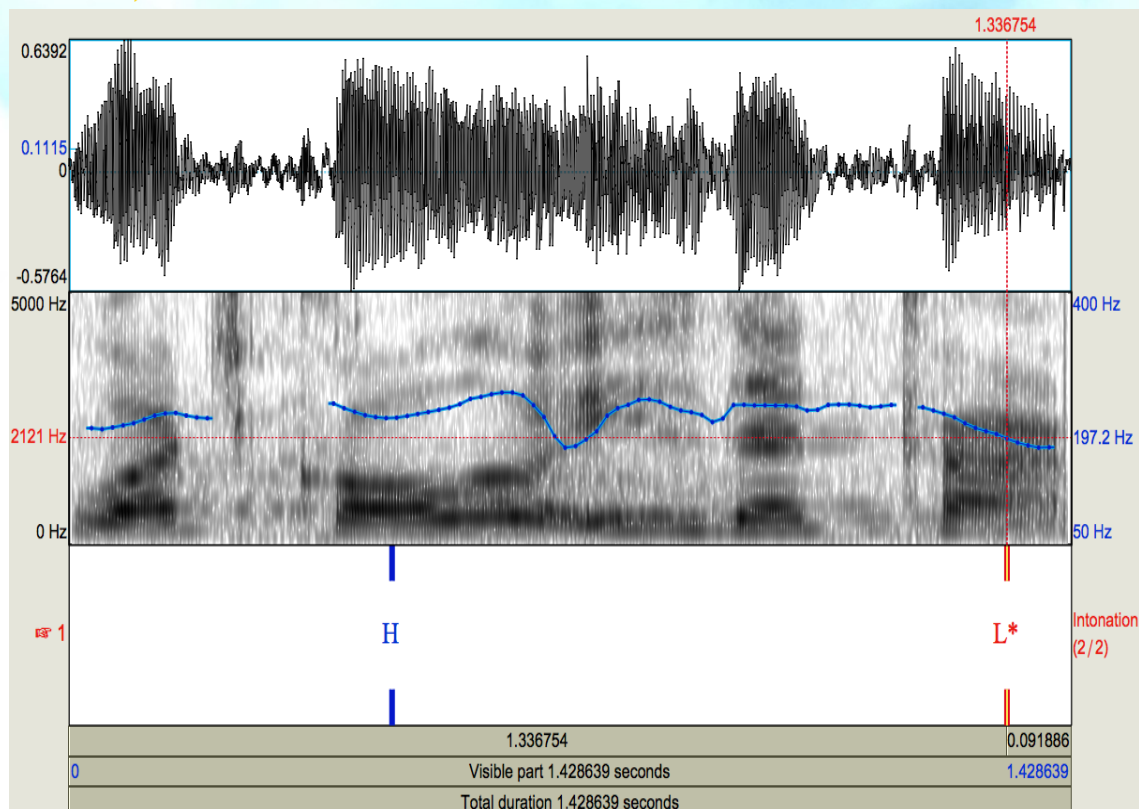


Fig.1 – Produção interrogativa: *What colour is that car?* - Informante brasileiro.

Nesta plotagem da Fig.1 podemos verificar o contorno do *pitch* do informante brasileiro etiquetados segundo o modelo de Halliday (1970) adaptado ao modelo de Pierrehumbert (1980), onde enfatiza a sílaba tônica frasal, constatamos que a partir dessa produção o informante brasileiro pronuncia a frase de forma silábica e isto é notado através dos contornos que o *pitch* nos dá desde o início da frase até o final da mesma através da variação de tom alto (H) e Baixo (L*). Notamos as ondas sonoras bem delimitadas podendo assim verificar uma grande incidência de energia nas produções das vogais onde estão marcados esses padrões entoacionais. Segundo Havery & Ehrlich (2012), Bisol (2000) e Barbosa (2000) O PB é tido como uma língua silábica, e é o que nos mostra essa curva de *pitch*.

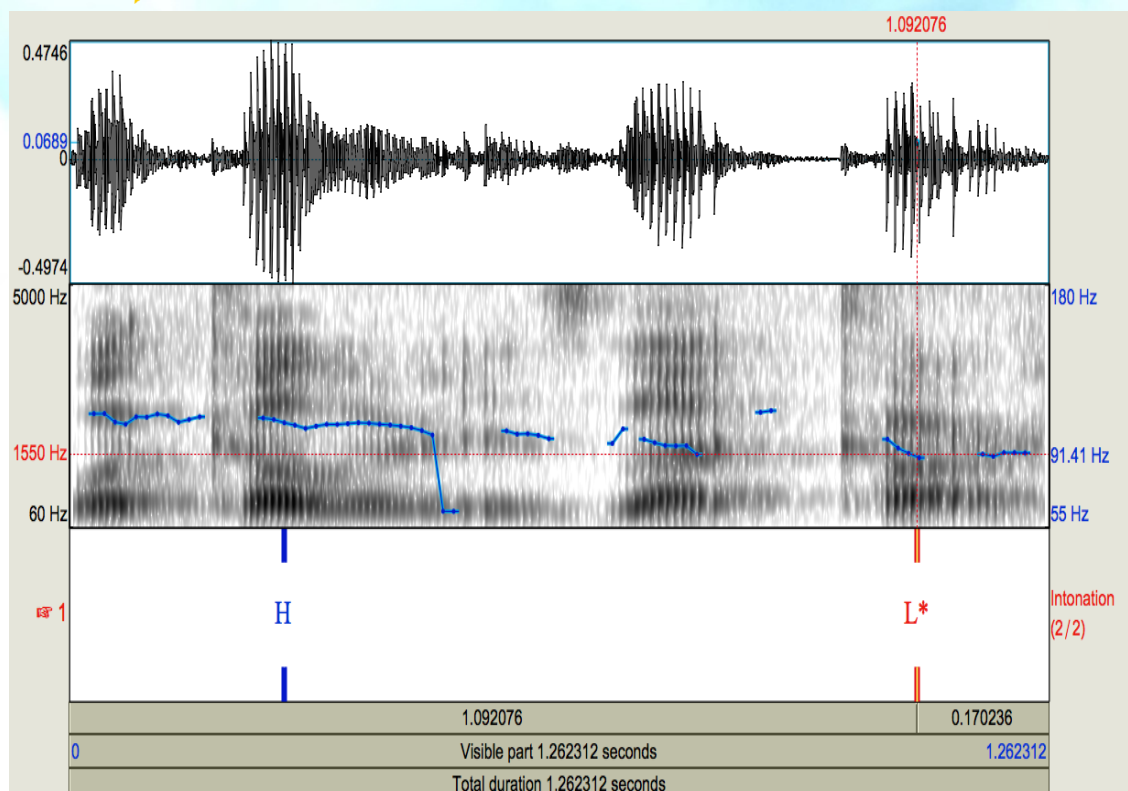


Fig.2 – Produção interrogativa: *What colour is that car?* - Informante Americano.

Notamos que a curva de *pitch* do informante americano nesta frase interrogativa tem o mesmo padrão entonacional que a Fig.1, Alto (H) (L*), mas o que difere uma produção acústica de outra não é apenas o padrão e sim a intensidade com que foi produzido, no entanto, Ladd (1984) afirma que quando as sentenças se tornam mais longas, há um enfraquecimento geral da entonação, este fenômeno ocorre tanto na produção do informante americano quanto o informante brasileiro, motivo este que estão atribuídos os mesmo padrões com algumas ressalvas a serem notadas através de uma comparação entre as duas produções simultaneamente.

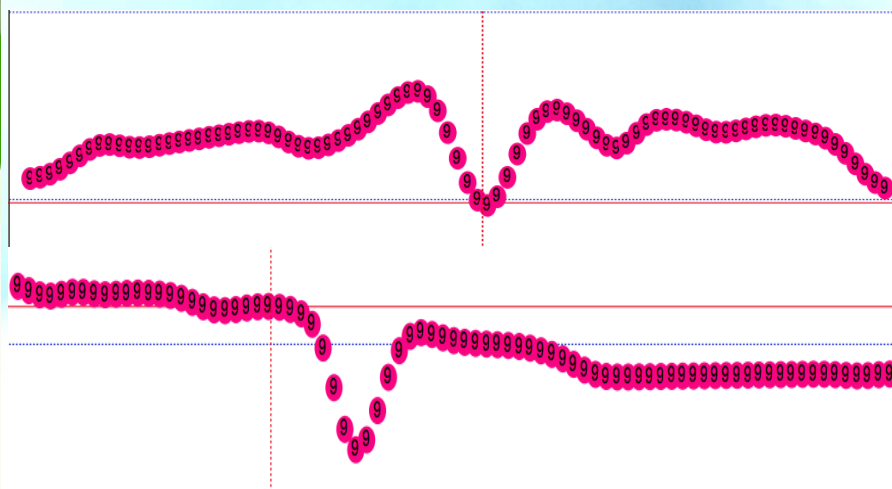
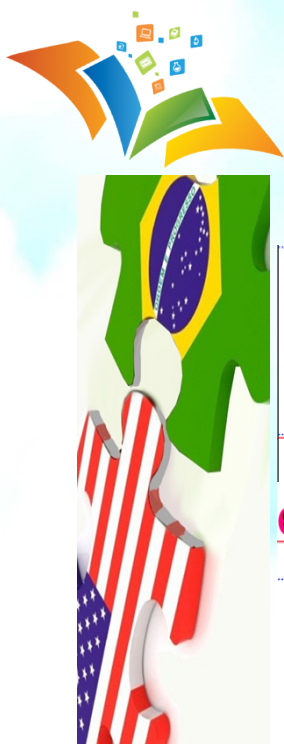


Fig.3 – Extração da camada de pitch suavizada e interpolada do informante brasileiro e informante americano na produção: *What colour is that car?*

Nesta plotagem temos uma produção suavizada de ambos os informantes, que apesar de terem o mesmo padrão entoacional, alto (H) e baixo (L*), podemos notar um distanciamento das curvas durante a produção o que mostra que ainda existe uma grande interferência da língua materna LM na produção da língua estrangeira LE.

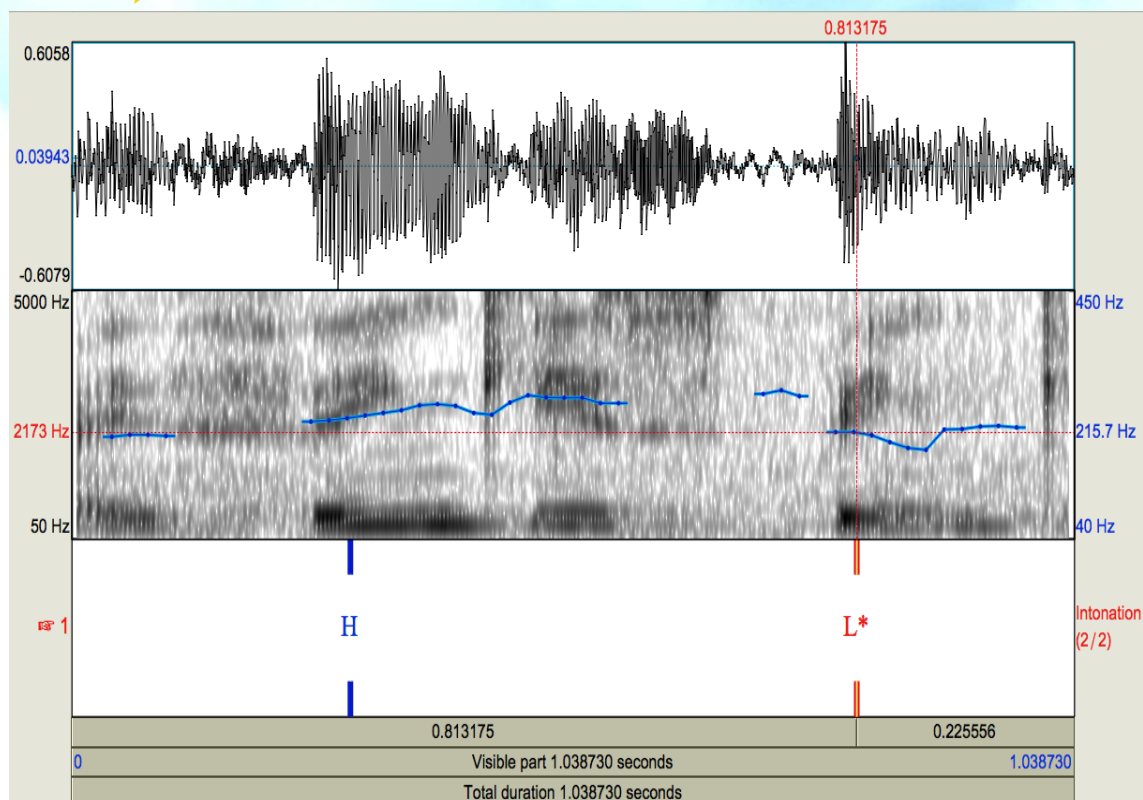


Fig. 4 – Produção afirmativa: “*I think it is pink*” – Informante Brasileiro

Nesta produção afirmativa o informante brasileiro mantém os mesmos padrões entoacionais que a frase interrogativa com um breve subida de intensidade, pela f_0 podemos notar que a produção foi mais pausada e com grande incidência sobre as vogais o que marca o padrão silábico da língua como mencionado anteriormente.

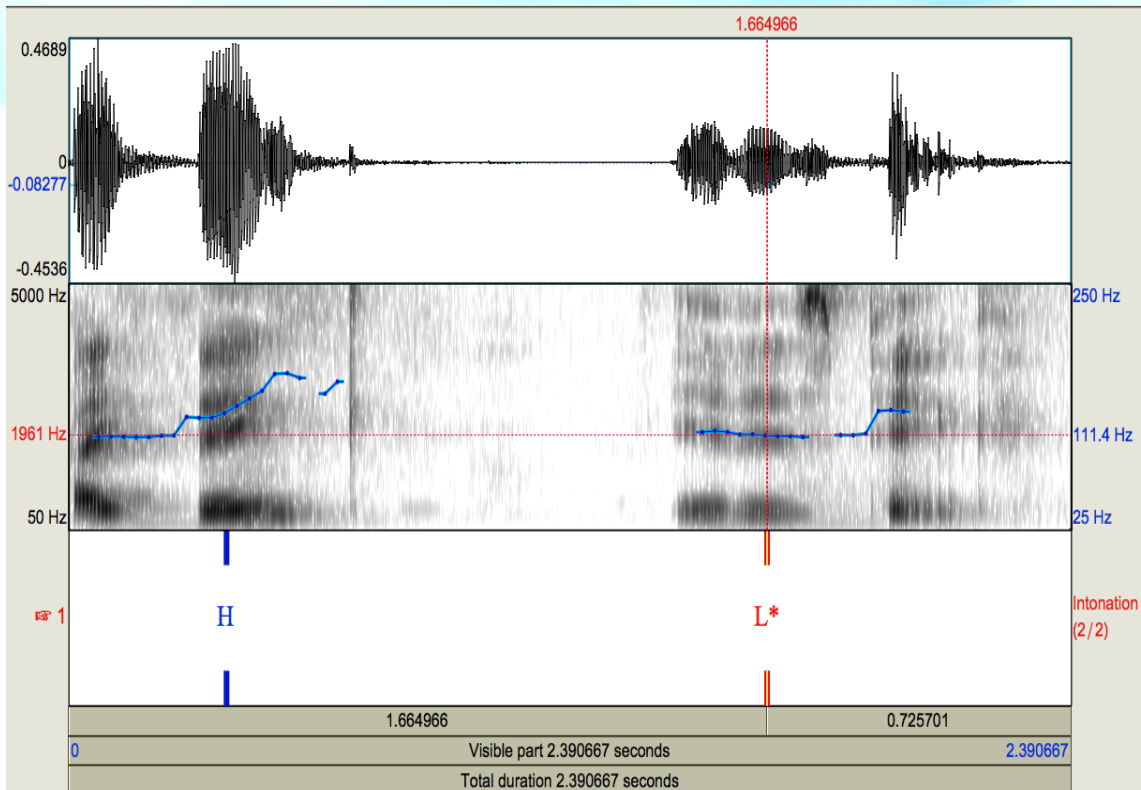


Fig. 5 – Produção afirmativa: “I think it is pink” – Informante Americano

No que se refere a produção americana podemos verificar uma pausa no meio do enunciado quando o mesmo produz, pois o americano tende a produzir de forma bem acentuada e estável fazendo uma contração da sentença algo bastante comum na sua língua.

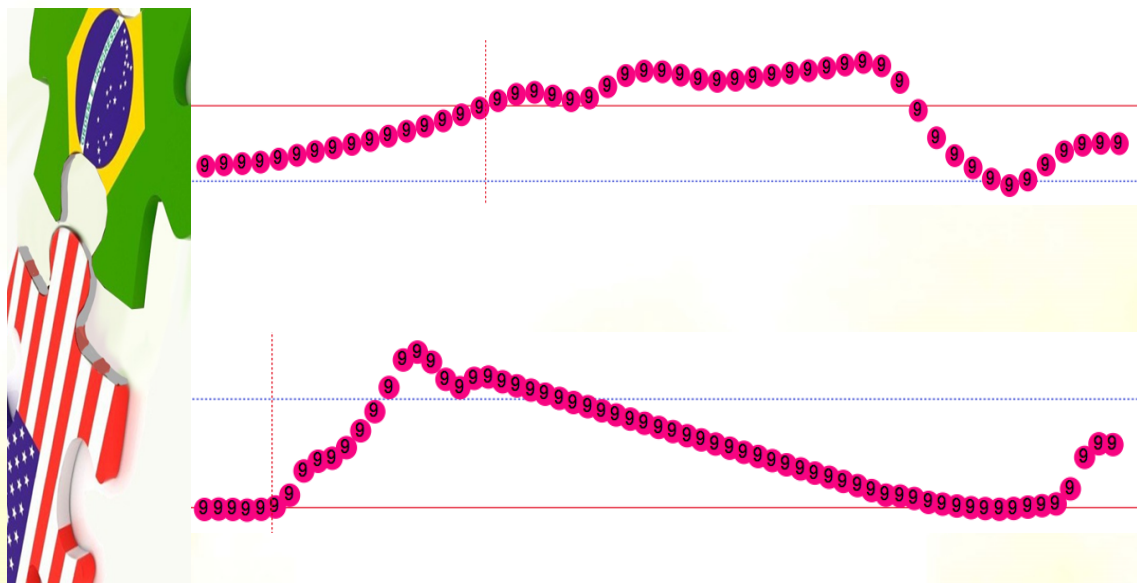




Fig . 6 Extração da camada de pitch suavizada e interpolada do informante brasileiro e informante americano na produção: *I think it is pink?*

Nesta imagem referente a fig. 6 podemos verificar que mesmo ao ter o mesmo tipo de padrão entoacional o informante brasileiro mais uma vez se distancia do informante americano enquanto o brasileiro tende a elevar mais o tom o americano tende a declinar muito mais, corroborando mais uma vez com a ideia de que o informante brasileiro tende a trazer aspectos da língua materna para LE.

5. DISCUSSÃO

Após análises parciais dos dados estes nos remete para uma reflexão acerca dos padrões entoacionais da língua inglesa e padrões entoacionais da língua portuguesa, necessariamente, o português do Brasil. Tudo isto, se e somente se , através da análise de dados acústicos e dados auditivos.

Cagliari (2012) enfatizou em seus estudos que os trabalhos mais antigos foram feitos através de análises auditivas, no entanto, Halliday (1970) menciona que não é possível trabalhar apenas com fonologia ou apenas com fonética contrapondo Pierrehumbert (1980) que defendia que a entoação é algo apenas fonológico, essa questão é rebatida nas análises acústicas e pode ser vista através das nossas análises acústicas de dados, onde em todas as sentenças encontramos influência da língua materna sobre os padrões entoacionais da língua estrangeira, e isto provado através da curva de F0 quem oscila diferentemente quando um informante brasileiro produz as sentenças propostas pelo *Corpus* da nossa pesquisa.

Outra grande questão que Pierrehumbert (1980) não aborda a marcação dos tons médios baixo e médios altos, que é abordado por Halliday onde utiliza cinco tons melódicos, que são (alto, meio alto, médio, meio baixo e baixo) o que deixa uma grande lacuna onde só existem dois tons durante a marcação, baixo (L) e a alto (H).

Ainda segundo Cagliari (2012) “Os olhos que veem os espectrogramas são ajudados pelos ouvidos que interpretam os sons como unidades psicoacústicas, interiorizado na mente dos falantes, como resultado de um processo de aquisição da linguagem.”

Perante este quadro temos que levar em conta que tanto a abordagem auditiva quanto a abordagem acústica apresentam aspectos formais que permite uma relação entre ambas.



Desta forma o grande desafio é preencher uma lacuna através das análises acústicas junto das análises auditivas, pois ambas auxiliam a união dos detalhes da fala com as unidades fonológicas do sistema da língua, onde de acordo com as minhas análises todos esses dados recai sobre a forte influência da língua materna.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos a conclusão é necessário para uma abordagem da LE em sala de aula, dar importância a todos os aspectos sejam eles fonéticos ou fonológicos, pois quando se fala em aquisição estes dois aspectos são os primeiros a serem desenvolvidos em nós mesmo antes de termos adquirido quaisquer outro sentido.

Tendo em conta estes dois aspectos, tanto o fonético quanto o fonológico, verificamos a importância que o *listening* deveria ter, pois seria a ferramenta ideal usada para o ensino de LE nas escolas públicas, visto que com o nossos dados ficou provado que existe uma transferência fonológica dos padrões entoacionais da LM para a LE, posteriormente se este aspecto fosse trabalhado procurando uma distanciação da LM no ensino da LE poderíamos obter resultados mais concretos visto que ao contrário do que se prega nos dias de hoje, o aluno se pauta apenas pela escrita e pela gramática deixando de lado a compreensão oral por não ter bases sólidas suficientes para adquirir pois raramente se aplica a oralidade acoplada ao *listening* que é o que ocorre exatamente na aquisição da LM, E em consonância com Silva Jr & Silva (2014) que ressalta que quando o aprendiz faz uso da prática auditiva antes de observarem aspectos morfossintáticos da LE, o aprendizado de pronúncia é bem mais efetivo; mesmo na fase adulta.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, U. K. Consciência dos aspectos fonético/fonológicos da L2. In: LAMPRECHT, R. R.; BLANCO-DUTRA, A. P.; SCHERER, A. P. R.; BARRETO, F. M.; BRISOLARA, L. B.; SANTOS, R. M.; ALVES, U. K. (Org). *Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009a. p. 201-231.



AVERY, P.; EHRLICH, S. Problems of Selected Language Groups. In: AVERY, P.;EHRLICH, S. Teaching American English Pronunciation. New York, Oxford University Press, 2012, pp 111-157.

BARBOSA, P. A. Syllable-Timing in Brazilian Portuguese: Uma Crítica a Roy Majo

(Tempo-silábico em Português do Brasil: a critic to Roy Major, S.,o Paulo, DELTA, vol.16,No.2, 2000.

BISOL, L. O Troqueu Silábico no Sistema Fonológico - Um Adendo ao Artigo de Plínio Barbosa, DELTA, Vol. 16, No 2, (403-413), 2000.

CRYSTAL, David. *A dictionary of linguistics and phonetics*. Oxford: Blackwell Publising, 2008.19-33, 2009.

CAGLIARI, Luis Carlos. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. São Paulo, Mercado de Letras, 2002.

LADEFOGED, Peter. *Elements of Acoustic Phonetics* 2nd ed. Chicago, The University of Chicago Press, 1996.

PIERREHUMBERT, J. *The Phonology and phonetics of English intonation*. 1980. 402f. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of linguistics and philosophy, Massa- chusetts Institute of technology, Indiana University Linguistics Club.

PIKE, K. L. *The intonation of American English*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1945.

SILVA Jr, L.; SILVA, Rosângela Neres Araújo da. O ensino de pronúncia na formação do aluno de letras: contribuições da habilidade “*listening*”, 2014.